

Alma,  
madeira oca



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

---

### **DIRETORA DA EDITUS**

Rita Virginia Alves Santos Argollo

#### **Conselho Editorial:**

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Andréa de Azevedo Morégula

Carlos Pereira Neto

Dejeane de Oliveira Silva

Elson Cedro Mira

Iracildo Silva Santos

Luciana Sedano de Souza

Lurdes Bertol Rocha

Maria Cristina Rangel

Maria Luiza Silva Santos

Maurício Santana Moreau

Raquel da Silva Ortega

Sabrina Nascimento

---

Natan Barreto

# Alma, madeira oca

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2021

Copyright ©2021 by NATAN BARRETO

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

### PROJETO GRÁFICO

George Pellegrini

### CAPA

Myriam Azadi

### DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

Rodrigo Oyarzábal Schlabit

### FINALIZAÇÃO

Deise Francis Krause

### IMAGEM DE CAPA

*Estudo para um homem velho de perfil*, Rembrandt van Rijn  
(World Masterpiece/Alamy/Fotoarena)

### REVISÃO

Pedro Carvalho  
Roberto Carvalho

---

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B271 Barreto, Natan  
Alma, madeira oca / Natan Barreto. – Ilhéus,  
BA: Editus, 2021.  
104 p.

ISBN: 978-65-86213-38-6

1. Poesia. 2. Poesia brasileira. 3. Escritores  
brasileiros. I. Título.

CDD 869.91

---

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

### EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)  
[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)  
EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

*A Virgílio e Mara,  
em memória da história  
vivida em nós.*



## SUMÁRIO

O QUE ECOA NA MADEIRA OCA DA ALMA / 9

SER ÁGUA / 17

ESTAR-TEMPO / 23

DAQUI DO QUARTO / 24

NA NOITE MAIS LONGA / 26

OUÇA PRIMEIRO O SILÊNCIO / 27

DOS DADOS DO JOGO / 28

MIRÁ-LO ERA AMÁ-LO / 29

ULTRAPASSAR-SE / 31

QUE RIMA, O AMOR? / 32

PRA QUE RIMAR TÃO DENTRO? / 36

A MATÉRIA AMOR / 37

A VERDADE AINDA VERDE / 38

EM ALGUM MURO DE MIM / 39

UM MURO DE TRISTEZAS / 40

A VIDA DE OHARU / 41

A RENDEIRA / 42

OURO NO ESCURO / 43

MULHER DE ROXO / 44

MENDIGAR E DAR / 46

O DESCANSO DA COROA / 47

RICARDO II / 48

O PORTÃO FECHOU / 49

COMO QUEM LAVA UNS PÉS SUJOS / 50

AQUELA LÍNGUA UNIVERSAL / 52

COMO CONJUGAR O FUTURO? / 54

BALADA DO QUE SOBRA / 56

E AGORA, MARIA? / 58

“TEREZA ESTÁ CHORANDO” / 60

ALMA, MADEIRA OCA / 61  
ERIK SATIE / 62  
CLARICE / 63  
MINOTAURO CEGO GUIADO POR UMA MENINA / 64  
MEIO-IRMÃO / 65  
NÃO ENSAIE PALAVRAS / 67  
TRADUZINDO SAUDADES / 68  
SEM SAUDADE DO MUNDO / 70  
NA COVA-AQUÁRIO / 72  
ASTÍANAX / 73  
ANTÍNOO / 74  
E JÁ NÃO VER O QUE SE OLHA / 75  
POR TRÁS DOS OLHOS DO MORTO / 76  
NO RUBRO COM QUE ME CUBRO / 77  
O OLHAR DO ESPELHO / 78  
SOLARIS / 79  
NEMÉSIO / 81  
TODOS OS LUGARES EM QUE MORRI / 82  
A LUZ DA VELHICE / 83  
EU, QUE HOJE SOU SENHOR / 85  
RAÍZES ÓSSEAS / 86  
OS OSSOS / 88  
O CRÂNIO DE YORICK / 89  
QUE COISA PENSA A CABEÇA QUE CAI? / 90  
DOCE E AMARGO SARAMAGO / 91  
RUA NATANAEL PALMA / 93  
VIVER VIVIDO / 95  
QUANDO FUI ÁGUA / 96  
JÁ TENHO MENOS TEMPO QUE JÁ TIVE / 99  
COMO ÁGUA CAINDO / 100



## O QUE ECOA NA MADEIRA OCA DA ALMA

A poesia é, no meu entender, a mais espiritual de todas as artes. Ela carrega em si a própria alma das coisas inanimadas, que ganham vida e invadem o mundo por meio de uma expressividade que somente a palavra é capaz de criar. A alma da palavra, na sua dimensão mais íntima, se manifesta pelo poético. E o modo como essa alma se mostra, enquanto forma, chama-se poema.

Nesse sentido, todo bom poeta deve ter a clara noção de que o tripé – a poesia, o poético e o poema – deve perpassar o cerne central de uma obra literária que tenha a pretensão de emocionar e tocar quem se debruçar sobre a soleira das palavras reveladoras da arte. Nesse aspecto, o leitor, depois de desvendar o conteúdo deste livro de poemas escrito por Natan, haverá de concordar comigo em algo simples e indiscutível: estamos diante de um poeta sensível às coisas da alma do homem e da poesia.

O título da obra, *Alma, madeira oca*, anuncia, em forma de mistério e encantamento, aquilo que somente após a leitura revelar-se-á essencial: o lugar das reminiscências na tentativa indelével de se frear o fluir do tempo, no seu jorrar indefinido e sem fundo. Podemos ampliar a definição apresentada no início

repetindo-a da seguinte forma: a poesia é uma arte que exprime o espiritual por meio da linguagem expressiva e metafórica atravessada pelo ritmo. Se pudéssemos dizer que a poesia tem uma alma, a alma da poesia seria, em grande parte, o ritmo; como afirma Ezra Pound, no seu *ABC da Literatura* [p. 156], “O ritmo é uma forma recortada no TEMPO”. Essa analogia ganha sentido na medida em que, hodiernamente, se compreende a alma enquanto aquilo que mantém o corpo em movimento e vivo, no pulsar fluídico da vida [no tempo]. A vida se alimenta da alma [desse sopro], da mesma forma que a poesia se alimenta do ritmo.

É sobre o oco da oca da linguagem do que trata o conteúdo fulcral deste livro de poemas. Mas é também sobre o eco do oco na madeira, alma, que cada verso aqui tenta dizer e guardar, no seu dito, o sublime de uma recordação, de uma permanência, de uma essência que insiste em manter, no presente, aquilo que já se revela passado e, para muitos, esquecimento. No fluxo não se perde o que se perdeu, ou, mais precisamente, nas palavras do poeta: “Na água em que jorra o que é tempo/ semeiam-se em hoje ontens”.

*Alma, madeira oca* é também o título do poema de onde o poeta retira a inspiração para nomear o livro, para intitulá-lo. Mas a alma, o oco, daquilo que na madeira aparece como

poético, percorre todos os poemas numa urdidura cujo todo é formado de cada parte. É sobre o enigma dessa alma de que fala Natan, ao dizer: “Se há alegria, é pouca/ (tanta tristeza está),/ amado, amando, amar:/ alma, madeira oca”. O poeta, no mister que demarca todo grande escritor, parece querer domar o tempo já vivido, trazê-lo à presença para fazer do que flui a essência de tudo o que passa dentro e por meio desse eterno devir. Nesse sentido, ele revisita a mitologia compondo um quadro de um Minotauro cego sendo guiado por uma menina, a partir de um soneto onde Picasso ganha destaque, como se desenhando os versos através da sua pintura; eis um fragmento: “E Picasso pensou uma praia escura,/ apesar de as estrelas salpicarem/ o toldo quase todo e de vararem/ por ela uma menina e uma criatura, (...)/ Seu mundo em miniatura – ruas em redes –,/ seu cárcere perpétuo, sem restauro,/ carrega na cabeça o Minotauro”. O lirismo leve e encantador desses versos já revela o valor poético de Natan.

Não obstante, o interessante é que *Alma, madeira oca* não tem divisões de partes ou capítulos, não foi maculado com o emblema da repartição, pois o poeta compreende a vida como um todo em que se vive e se experimenta; talvez este livro seja mesmo um experimento de duplo aspecto: o primeiro, da memória;

e o segundo, da linguagem. Memória e linguagem se entrelaçam nos poemas da mesma forma que a vida se entrelaça com a morte, a noite com o dia, e o tempo com o passado, o presente e o futuro. Vários temas ganham destaque na obra: a existência, o amor, a morte, a essência das coisas, o perene fluir dos objetos e a água [metáfora da vida].

É com a metáfora da água que o livro se inicia e se fecha, como num ciclo perfeito de nascimento, desenvolvimento e morte. Afinal, quando somos gerados, experimentamos por nove meses a delícia do mar representado pelo líquido amniótico que nos envolve. E quando perecemos, perdemos líquido e nos ressecamos ao ponto de nos tornarmos pó. Por isso mesmo, Natan, com uma felicidade própria de um poeta voltado para suas origens, ao mesmo tempo em que dialoga com o filósofo grego Tales de Mileto, defensor da ideia de que, no princípio, era a água, ou melhor, que a água é a essência de tudo o que existe, finaliza “Ser água”, o poema de abertura, dizendo: “Meu pai a me esperar no portão,/ quando eu ia embora./ Seu adeus era esperar./ E esperar era ser./ E ser era ser água”. E conclui a composição de retalhos do último poema, “Como água caindo”, afirmando: “Tudo cai:/ da orfandade de meu pai/ à de seus filhos.(...)/ Um dia, nunca mais seremos./ Mas agora somos,/ como água caindo”.

Comparando-se esta apresentação com a leitura deste livro, será fácil notar que não sigo a ordem proposta pelo autor na sequência organizada na obra. Essa escolha aparentemente aleatória quer apontar para algo simples: em *Alma, madeira oca*, pode-se iniciar pela leitura de qualquer poema, pois todo poema é uma unidade em si mesma. Desse modo, que cada um faça da leitura o seu espelho e do espelho o seu reflexo: “Frestas e reflexos./ Era um elo./ Como desfazê-lo?/ Era um elo./ E ele,/ sem querer se ver,/ se lia”. Essa simetria dos versos é um convite à reflexão em torno da própria alteridade, aqui o outro não pode permanecer escondido – ele se mostra.

No que diz respeito à forma, Natan nos brinda, neste seu novo livro, com versos brancos, baladas e sonetos, tudo elaborado de uma maneira delicada e bela, simples e harmônica, conjunções regidas por um ritmo que se aproxima quase do canto. Até mesmo quando se aventura a falar do amor, tema deveras difícil para qualquer poeta, Natan consegue ser preciso e leve, ao dialogar com Narciso e a ninfa Eco, das *Metamorfoses* de Ovídio: “Diz a lenda que a beleza/ de Narciso (tão precisa)/ deixava o olhar sem defesa,/ mirá-lo era amá-lo – presa/ do desprezo de quem pisa”.

Conclamo, por fim, o leitor a degustar o solo onde habitamos e o lugar onde residimos

poeticamente, dividindo com Natan a certeza de que “Fomos plantados/ em nós./ Aqui jaz o que já fomos./ Carregamos o oco/ enquanto dançamos/ ao sol/ e vamos/ inventando passos/ pelas sendas do sempre”.

E soa o eco, de dentro da madeira oca, abrigo da alma de quem se aventura na senda do poético. *Alma, madeira oca* é um convite a outras almas para mirarem-se no espelho opaco da existência.

Lourival Piligra  
*Poeta e professor de Filosofia da UESC*

*... conseguia um oco de alma – e esse oco  
é o tudo que posso eu jamais ter. Mais do  
que isso, nada. Mas o vazio tem o valor e  
a semelhança do pleno.*

Clarice Lispector,  
*A hora da estrela*





## SER ÁGUA

A morte é água,  
mesmo quando queima.

O corpo cremado  
(o pó será água,  
como sementes que defendem folhas).

O morto,  
seus sonhos  
de oceanos e asas,  
maresia e escuro,  
arco-íris e europas.  
Lentes de óculos quebrados,  
olhar apagado  
(sombras).

Mesmo quando queima,  
quando é cremado.

As cinzas de uma quarta-feira:  
o fogo que seca o que fica.

O que fica é água,  
e o que vai:  
mofando e misturando as arestas  
dos extremos,  
do que era oposto.

A janela de pular,  
o tio doente,  
o irmão morto.

O nome da mãe  
na boca  
é água  
(é sede de ser).  
A cisterna  
onde o outro...

A morte é água.

O relógio é água  
(mesmo à prova d'água).

O pus na pele que apodrece  
(o que se estranha,  
o que se entranha).

O mijo que jorra  
pelas pernas do menino  
que queria ir ao banheiro,  
que pediu à professora,  
que lhe disse não.

O não é água  
e todos os sins o são.

É água a língua  
do professor de inglês

(a lâmina por trás  
dos dentes,  
por trás da fala).

A fala dele é água  
(não só o cuspe, a fala).

O caqui comprado,  
o araçá roubado,  
as laranjas de Istambul  
(e eu nunca estive),  
as uvas que chegaram do Chile,  
o abacateiro da casa de Lete  
(o vento que derrubou um galho bom  
por sobre as roupas que quaravam claras).

E tudo ainda tão verde!

Os girassóis já murchos  
que ficaram me olhando  
até eu sumir de Staten Island  
(e tanto sol naquele setembro,  
e tanto sangue, e tanto só!).

Minhas irmãs são água,  
da mesma fonte.  
Meus irmãos,  
afluentes,  
do corpo do rio que me leva.

As rosas brancas  
que dei a John,  
e que ficaram na mesa da cozinha,  
depois que eu fui embora.

Voltar foi água  
(água refeita)  
a ele e a mim.

A cozinha é água  
sempre  
em tudo que ali se faz.

E ele me fez um mingau  
quando eu nem me sabia.  
As lágrimas por aquele cuidado...  
Lágrimas são sempre água  
em seu estado mais simples.

As trevas da tristeza,  
as rimas da alegria,  
o esgoto da Clisur  
rasgando a praia,  
entrando no mar de Periperi.

Periperi pra mim é água  
(água que jamais seca).

O mar...

O mar é água  
(semente de tudo).  
É água que nunca dorme,  
como os olhos da estátua de areia.

As veias sem pulso,  
as flores no caixão de minha mãe  
(e as palavras que dobrei  
e enterrei em suas mãos,  
versos jamais vistos,  
antes da tampa,  
antes da terra,  
antes da noite).

Todas as noites são água  
e os dias,  
mesmo sem chuva.

Aquele papel era água  
e o meu rosto sério  
e a voz de dona Nífa.

A voz de dona Nífa  
naquele e em todos os momentos  
em que eu lembrar daquilo  
me será água.

Abraços são água  
(tudo o que se ata  
e o que se solta sem luz).

Meu pai a me esperar no portão,  
quando eu ia embora.  
Seu adeus era esperar.  
E esperar era ser.

E ser era ser água.

## ESTAR-TEMPO

Além da raiz arrancada, plantou-se a gente:  
os galhos se elevam e se levam: sementes.

Que leito à nossa água? Luz transborda  
pela íris que amalgama, sono acorda

trevas, chamas e o silêncio (ventre ao canto).  
Seguimos e úmido é o dia: pensa o espanto

de sermos os mesmos outros: folhas do verde  
ao vasto – estar-tempo: em ser, a sede.

## DAQUI DO QUARTO

Daqui do quarto adentro  
o tempo já desfolhado  
do que foi feito  
e se desfez.

Chuva nas folhas,  
vento no espaço,  
janela (o entrevistado),  
lunar alumbrando os galhos.

Silêncio denso,  
bichos beirando o sono aceso:  
sonhos de presas,  
de gritos, fugas.

Aqui na carne deito  
camadas  
de tantos nada  
que o agora (meu)  
engole  
como se água fossem.

Sumir não nos sustenta,  
mas há pegadas  
que lumem  
na solidão de quem nasce  
(museus se miram,  
e se mistura o tempo).



Aqui no quarto  
a noite  
não é parede negra:  
pairam tempos.

## NA NOITE MAIS LONGA

Há sombra na luz  
e luz, que é sobra,  
na sombra. Há onda  
no que se afunda  
e fundo que em si  
se esconda. É funda  
a nudez da sombra  
e há luz  
na noite mais longa.

## OUÇA PRIMEIRO O SILÊNCIO

Ouçã primeiro o silêncio –  
a música é dele somente.  
Não tenha anseio por notas  
nem melodias que espelhem.  
Palavras não cace: cale-se.  
Deixe que o nu se desnude  
e saia de dentro da ausência,  
qual pétalas de rosa ao azul  
(acesas sem sombra ou luz)  
na concha em que tudo ecoa.  
Não busque o som que em si nasce  
nem prenda o que se desprende.  
Ouça primeiro o silêncio –  
a música é dele semente.  
É dele que brota o que entra  
no fora que ancora as manhãs.  
Na água em que jorra o que é tempo  
semeiam-se em hoje ontens.

## DOS DADOS DO JOGO

Nas folhas soltas do espelho,  
pele em pétala (impressão),  
letras de um livro velho,  
reflexo em cifras – são.

Quem foi nascido no fogo  
dança nos dados do jogo.

Tempo através envelhece  
(água que desce do cume),  
fresta ao que é sonho aparece –  
luz e ilusão ao lume.

Quem foi dos dados do jogo  
dança nascido no fogo.

Confunde-se e o fundo é raso,  
rio sem raiz no instante.  
Afoga-se a cara e o acaso  
descobre-se ao diante.

Quem foi Narciso foi fogo  
(dança dos dados do jogo).

## MIRÁ-LO ERA AMÁ-LO

*... perguntara: 'Aqui não há alguém?'. 'Há alguém', respondera Eco. Ele se admira, e olha em torno. 'Vem!'; grita muito alto; Eco repete o convite.*

Ovídio,  
*Metamorfoses*

Diz a lenda que a beleza  
de Narciso (tão precisa)  
deixava o olhar sem defesa,  
mirá-lo era amá-lo – presa  
do desprezo de quem pisa.

E se espalhava a paixão  
que estonteava os sentidos.  
Mas moças e moços, não –  
mirá-lo era amá-lo em vão,  
perdidos eram os pedidos.

Um dia ele se perdeu,  
quando num bosque caçava.  
Perdeu-se e não percebeu.  
Mirá-lo era amá-lo, breu,  
depois da luz que cegava.

Sua luz chegara e o escuro  
foi se tecendo por dentro  
do ser, deixando-o duro.

Mirá-lo era amá-lo – muro.  
E a ninfa tão só, sem centro.

Mirá-lo era amá-lo: uma vida  
se dedicava ao que via.  
Eco, seu nome, escondida,  
de conversar proibida,  
repetia os sons que ouvia.

“Alguém aqui?”, grito, anseio.  
E “Aqui”, ela repetiu.  
“Venha!”, outro “Venha!”, e ela veio.  
Mirá-lo era amá-lo. Alheio,  
não veio amor: só a viu.

Ficou o corpo definhado –  
o eco na gruta é de dor.  
E ele viu num lago o amado,  
mirar-se era amar-se: fado.  
E foi morrendo de amor.

## ULTRAPASSAR-SE

“É preciso conhecer para amar”,  
dizem os que só se entregam  
sabendo a quem se dão – são  
os que não se cegam diante  
do que é visto, veem na primeira  
vista não sim, mas sim um não.  
Outros dizem não à exatidão  
de passos – são os que se perdem,  
os que primeiro amam e, porque amam,  
vão. Sem tempo dado ao antes,  
dão-se ao durante, e o saber  
a boca decifra sorvendo, qual sabor  
que vai se sabendo. Unem amor  
à mente, entre verdades, mentem,  
temem, tomam, tornam-se,  
nutrem-se um do outro. Um  
ao outro se rende. E quando  
amar surpreende, conhecer  
é ultrapassar-se.

## QUE RIMA, O AMOR?

Que rima, o amor?  
Que ímã?  
Nus rios paralelos  
(suas enchentes).  
Que gente  
se joga em gente?  
Que gente se junta?  
Que noite mais rente  
à luz  
que a si  
faz frente  
e adentra o centro,  
quando se entra  
no outro  
e sente  
entrelaçar-se,  
sente arriscar-se,  
vê-se arrastar-se:  
sente.

Que gente  
se rima ao amor?  
Que rumo?  
Que riso?  
Que fundo?  
Que raso?  
Que dor?  
Que gente



se arruma?  
E se desarruma  
no rumo  
que corre –  
corrente que escorre.

Que rima, o amor?

Que senhor  
arremessa moços  
e velhos meninos,  
uns ao dentro do outro.  
Diz destino:  
“Que ilha, o amor?”  
Que sabor?  
De sombra subindo à boca,  
quando a força é pouca  
para se conter.

Alheio e cheio:  
além.  
Quem se dispersa  
cessa  
de ser somente.

Além do lápis,  
do papel, da lágrima,  
do canto, pétala e da flor.

Que ilha, o amor?

Que afastou  
com força  
quem se descobriu  
no fluxo do espelho,  
espelhado e ideia –  
tão alheio e cheio,  
da chuva e do sol.

Que trilha, o amor?  
Que passos nela se perdem,  
que palavras pedem  
em silêncio santo  
a entrada no outro –  
estrada de moços  
e velhos meninos.

Diz destino:  
“Que rima, o amor?”

Que razão?  
Que rezar?  
Quando os cabelos soltos  
encobrem a cara  
e é noite  
no rosto  
da senhora  
que se viu menina,  
diante do amor,  
seu senhor,  
que se dissolveu

(céu não seu).  
Amanhecem nas nódoas,  
nas dobras de sua saia  
e da blusa,  
lágrimas da chuva.

Que rima, o amor?  
Que ilha?  
Que trilha?  
Que dor!

## PRA QUE RIMAR TÃO DENTRO?

*pra que rimar  
amor e dor?*

Monsueto Menezes,  
“Mora na filosofia”

Amor, por que que vou,  
se vim parar tão dentro?  
se o centro do que sou  
se perde no seu centro?

Eu minto aos pés que partem  
(e pensam que me levam).  
E mesmo que nos matem,  
é em mim que enfim se entrevam

os restos que se arrastam  
e que me vestem o avesso,  
qual solidão do vasto  
na escuridão de becos.

Amor, por que quebrou,  
se em mim fincou-se o tempo?  
Desfaz-se o amor e é dor:  
pra que rimar tão dentro?

## A MATÉRIA AMOR

É permeável  
a matéria amor  
e se molha do mal  
que não se vê.  
Enquanto os olhos  
se concentram  
nas sombras,  
sobram silêncios  
(em que se afundam  
escuros).  
Boiam nas bocas  
caladas  
resquícios de dias,  
de ódios.  
E o luar sóbrio  
sobre as pratas,  
a cristaleira intacta  
e o anel na pia.  
Saber lavar as mãos  
das nódoas de um sonho:  
o visgo pegajoso  
da fruta desfeita,  
o pulsar das asas  
já distantes do voo,  
a voz  
desabada dos galhos,  
do dizer-se  
ao outro,  
como se a si.

## A VERDADE AINDA VERDE

A verdade ainda verde  
dói nos dentes que a mordem –  
densa acidez da fruta  
que a boca descobre nua.

Asas molhadas de chuva,  
vento roçando o silêncio  
e essa saudade em órbitas:  
deixando claro que é escuro.

Da fala fez-se o nublado.  
Nada sobrou do distante.  
E não há elos no olhar,  
que se derrama seco.

Em nós  
todo o passado dorme.

## EM ALGUM MURO DE MIM

*a Yús*

E te devolvi a ti,  
quando a manhã se fazia tarde.  
E nós ainda no cedo  
das pétalas (do pulsar).

Sem teu cabelo em meu rosto  
e sem teu rosto nas mãos,  
saí do nu do que fomos.

O peito, veste-o um casaco.  
Em seu pulsar, as pétalas.

Depois dos anéis dos anos,  
*em algum muro de mim,*  
ainda te vejo escrito.

## UM MURO DE TRISTEZAS

Quem vê já tem memória.  
Quem ri de si, quem chora.  
Quem vindo ou indo embora  
se descreve em silêncio.

Quem se perdeu da hora  
e canta em pensamento.

Quem tem na rua acesa  
um tom de dentro escuro.  
Pichado de tristezas  
quem traz em si um muro.

Quem grita e quem se cala  
fazendo mal à alma  
daquele que mais ama.

E fecha os olhos – trama  
entrar no esquecimento.

Por fora o espera o dentro:  
memória tece história –  
que não destece o tempo.



## A VIDA DE OHARU

*a Kinuyo Tanaka*

Vinda de abismos,  
punhal em punho,  
que rumo busca  
entre bambus?

O império parou para trás:  
lenços, laços, nós  
e leques imóveis nas mãos.

Quimono, prisão de pano.

A vida vai devagar,  
arrastando os pés em prece  
e sujando o chão do pano,  
casca que enlaçabraça  
seu tronco triste.

É primavera no pátio,  
mas a máscara por trás  
da máscara da cara  
não cai.

Na face, lágrimas secas,  
que não descascam.

## A RENDEIRA

*a Isabelle Huppert*

*Ela era o tema para um desses quadros antigos, nos quais a composição narrativa apresenta o modelo como se inserido em seu gesto (...). Ela era Lavadeira, Carregadora de água, ou Rendeira.*

Pascal Lainé,  
*A rendeira*

Na rendeira o sol mais simples  
por trás dos galhos se emaranhava –  
era sombra.

Rondar a cidade,  
acesa, a pino.

Finda a tarde.

Na rendeira só o que arde  
é ser  
intensamente  
(dentro do leve invólucro)  
luz  
e derreter-se  
aos olhos sóbrios.

Deixar-se  
por não caber  
no amor que lhe coube.

## OURO NO ESCURO

Dentes de ouro quando a hora é outra,  
não só no fora, mas na dor de dentro –  
sem sol na sala e sem luz no centro  
de uma mulher de quem só brilha a boca.

A escuridão que há nela não é pouca.  
Perdeu a pressa: tudo ficou lento –  
o tempo aperta, sem derramamento,  
tristezas que se arrastam na voz rouca.

Essa mulher segue sem sonho a sina,  
de olhar perdido, puro e por acaso.  
Qual luz sem noite, esquecida numa esquina,

deixada acesa por puro descaso,  
só brilha a boca, ouro preso à mina –  
raio que acende seu sorriso raso.

## MULHER DE ROXO

*a dona Florinda*

Mulher de Roxo,  
o mundo é coxo,  
embora gire  
eterno e solto.

Nada desvenda  
as leis da lenda  
de um santo ou louco.

Os pés descalços,  
o gosto gasto  
e o rosto:

sem pó que inspire,  
sem olhar que mire  
o fora fosco.

Mulher de Roxo,  
um denso sopro:

desnudo escudo,  
escuro fundo,  
caroço oco.

Obra acabada  
ou risco (esboço)?  
Flor delicada  
ou mato grosso?

Em meio à rua  
que é rio e rói  
o forte e o frouxo:

em ato, um luto,  
num manto roxo.

## MENDIGAR E DAR

Na mão de quem mendiga  
há algo de quem doa.  
(Nada que se entrelaça é à toa.)  
E em toda a esmola do mundo  
maior é a entrega no fundo  
daquele que por não ter pede –  
no pouco, bem pouco é entregue.

Na mão de quem dá esmola  
há algo de quem toma.  
(No laço da subtração, a soma.)  
E quem não tem falta é que cata,  
não brilho que cai na lata,  
mas *grazie*, *gracias*, *merci*,  
que o lábio esboça e sorri.

## O DESCANSO DA COROA

*pois dentro da coroa oca  
que cerca a têmpera mortal de um rei,  
a Morte mantém a sua corte*

William Shakespeare,  
*Ricardo II*

O rei não é rei.  
Eu sei.  
Sabe o rei?  
É oca a coroa.  
Farsa que sempre cai  
quando cansa  
e descansa  
da soberba de cabeças  
sobre mesa de museu.

## RICARDO II

O rei que já não reina se desnuda,  
despe coroa, cetro, manto e rumo,  
desce do pedestal como se oco.  
No rei deposto o que era crença cansa.

E ele descansa de ser Luz – extinto.  
O rei sem súdito é sujeito, é sombra.  
Na alma muda, eloquente, a voz  
de fragmentos do além-perto – espelho.

Olhos vermelhos (fogareiro e força),  
a que somente o nu que toma o núcleo  
anima: o rei termina onde começa:

encontra-se: poço de um sopro que só  
o só faz pulsar: dá-se a quem tudo perde.  
Perder poder: poder perder-se: achar-se.



## O PORTÃO FECHOU

“O portão fechou”, gesta a boca um grito,  
que se finge de festa e de folia,  
ato que manifesta uma alegria  
na qual nada tem graça – triste rito.

“O portão fechou” – e esse canto é inscrito,  
risco em disco repete a zombaria  
numa farra que escarra (enquanto espia)  
seu esgoto no rosto do outro (afrito).

O portão fechou a quem se atrasou.  
Mas uns tantos chegaram ali bem cedo,  
com seus fones que filmam (e apontam o dedo) –

fome que assim saciam: comem a dor  
de quem se sente só (sobra do enredo),  
de quem se encara a sério (e é brinquedo).

## COMO QUEM LAVA UNS PÉS SUJOS

Ajoelhou-se à minha frente,  
como se eu santo  
e ele gente,  
como se eu asa  
e ele ausente,  
como se eu céu  
e ele nada.

Olhos tão secos de água  
(túnel e cisterna),  
mãos de menino,  
de entrega,  
como num quadro  
(vazio),  
como numa pose –  
vazando a luz  
em silêncio.

Nada de pressa,  
tão seco –  
suas mãos sem água –  
mas tão mais limpas:  
como quem lava  
uns pés sujos,  
como se santo  
(e eu só sombra),

como se tudo  
a quem-nada.

Ajoelhou-se à minha frente,  
tão asa e ausente,  
como se eu tempo  
e ele sempre  
(entregue ao ato).

Ajoelhou-se...  
e engraxou meus sapatos.

## AQUELA LÍNGUA UNIVERSAL

*a Roberto Khatlab*

O motorista de táxi corta a maçã  
e me oferece uma fatia.  
A maçã verde está madura,  
como a manhã que se faz tarde.  
E assim falamos  
aquela língua universal.

As azaleias plásticas  
fingem florescer rosas  
em meio às folhas do idioma verde,  
universal e vasto  
(pulseiras em volta dos caules  
que se adornam e dormem).

Os engraxates sírios  
se aglomeram ao meu redor:  
dizem ter 12, 13, 18 anos.  
Falamos a língua dos dedos,  
universal aos homens que morrem  
e aos que vivem aqui,  
distantes, desgarrados da guerra –  
raízes sem rua.

Meus sapatos agradecem o brilho  
e vou caminhando  
sob a luz (e sombra) do Líbano.

O Mar Mediterrâneo bate à beira.

E as pedras caladas quebram  
o azul  
que espuma e crista claro.

Há moços que pescam  
como se fossem príncipes.  
E aquela língua universal  
de vara, anzol e azar  
quase se ouve: vê-se.

De onde estou não se ouvem  
os gritos.  
Só o silêncio se faz sério,  
à espera do que paira...

Mas falaremos  
aquela língua universal:  
de vozes e olhares,  
de mãos e amares.

Pois não se empalham  
os pensamentos.  
E os sentimentos  
são.

## COMO CONJUGAR O FUTURO?

Como conjugar o futuro  
sem julgar o presente  
sem desprezar os presos  
sem se prender aos prazos  
sem se saber só sobra  
de quem sim sobrevive?

Como conjugar o futuro  
na primeira pessoa  
se todo eu se reveza  
e todos se perdem em pó?

Como conjugar no plural  
se há pessoas que dormem  
pelos passeios de Paris  
e a quem passeia é que é dado  
onde morar esta noite  
de onde se mira o cinzento  
e a chuva no vidro aceso?

Como conjugar o futuro  
se os euros amarram as horas  
e todo minuto mente  
por dentro de quem se estranha?

Como conjugar o futuro  
se é alto o muro das eras  
e ninguém galga o inescrito  
e nem se inscreve nos ares  
que não sustentam quem passa?

## BALADA DO QUE SOBRA

*Cabe a nós fazer música  
com o que sobra.*

Itzhak Perlman

A corda que se parte quando a mão,  
guiada pela arte, nela arrasta  
o arco, leve haste da ilusão,  
que pelo ar da sala em nós se alastra,  
faz tropeçar o tempo da sonata  
e a música parece estar ferida,  
mas segue com o que resta, mesmo escassa.  
Façamos do que sobra o som que vibra.

A voz pequena, pouca e sem canção,  
que flua na garganta, agora gasta,  
já não precisa mais da precisão  
nem do volume de quando era vasta.  
Da boca sai bem baixa, mas se basta,  
por sobre as cordas em que se equilibra  
com o cuidado de um velho ginasta.  
Façamos do que sobra o som que vibra.

Os batimentos desse coração,  
que lentamente o tempo desgasta  
(pulos de pássaro no alçapão,  
semente presa por dentro da casca),



soam saudades da luz que se afasta,  
mas fazem dela uma nova medida:  
no corpo escuro, o suor da cascata.  
Façamos do que sobra o som que vibra.

Pelos canteiros de tudo o que passa,  
é semeando nãos que segue a vida.  
Mas é perdendo que às vezes se acha.  
Façamos do que sobra o som que vibra.

## E AGORA, MARIA?

*a Maria João Pires*

*E agora, José?  
(...)  
sem parede nua  
para se encostar*

Carlos Drummond de Andrade,  
“José”

A noite apagou, o palco acendeu.  
Depois do aplauso, te dão o silêncio.  
Alguma tosse seca na plateia,  
algum murmúrio, algum falar no ouvido.

Aberto está o piano à tua frente.  
Nele, a nudez que as teclas dão aos dedos.  
Ergue o maestro a mão – nela o ponteiro  
que marcará o tempo do concerto.

A pausa se dissolve pela sala:  
começam os instrumentos o começo.  
Mas vibra no teu corpo uma vertigem  
(a música não é a que ensaiaras).

A mão que toca a testa e o raso riso  
são teus e é tua a beira desse abismo.  
Ao ventre não se volta – tudo marcha:  
no tempo desenhamos o que somos.

O homem que aqui rege segue o risco –  
cabe-te equilibrar-te nessa corda:  
descalça (em sim) – e sem parede nua.  
Os sons prosseguem até o teu instante.

Tuas mãos te entregam a ele e os dedos teus  
penetram esse momento dentro-escuro.  
No deserto das teclas, toda a areia:  
e nela te desenhavas – e te escreves.

## “TEREZA ESTÁ CHORANDO”

*a Tereza Araújo*

No palco, a mesa posta empresta festa à cena,  
que flui dentro do tempo de um rio repetido,  
sem água, mas palavras e gestos apenas,  
que homens e mulheres carregam consigo.

Conseguem se lembrar do que foi ensaiado  
e agora aqui parecem viver o que vestem.  
Por trás da roupa, a pele, o corpo suado,  
e o coração que pulsa, que busca e que é mestre.

Essa mistura estranha de fundo e semblante  
às vezes traz à tona a água mais clara.  
Perdido o som da voz, no susto de um instante,  
há lágrimas na cara da atriz que se cala.

Tereza está chorando na peça em que atua.  
Não interrompe o ato, a cena prossegue.  
Teatro é tempo espesso que corre e flutua –  
ao palco que lhe é leito está sempre entregue.

“Tereza está chorando”, sussurram entre si.  
Colegas compartilham seu sal sobre a mesa.  
A peça, no começo, terá meio e fim.  
A travessia é que lhe dará inteireza.

E juntos atravessam, tropeçam, improvisam.  
As falas dela falam, transformam, não dizem.  
Assim se soltam, presos, no palco que pisam,  
atores e atrizes que sonham e que vivem.

## ALMA, MADEIRA OCA

É vasta a voz da boca  
que risca e rasga o ar,  
é rente o arrastar  
(áspera lixa): é rouca.

Se há alegria, é pouca  
(tanta tristeza está),  
amado, amando, amar:  
alma, madeira oca.

Nela se bate o ontem,  
morte vibrando viva,  
sombras, sobras da festa,

fora do fio da fonte –  
centro, embora não sirva,  
réstia do que não resta.

ERIK SATIE

*a Ronildo Candido*

É leve e sutil a luz  
do som de Erik Satie.

O mínimo nela é medido  
e as mãos se espalmam  
em mapas.

Equilibram-se soltas  
as notas  
à flor das teclas.

E o silêncio  
entre o tempo  
se repete: marca-se.

Cai a noite mais lenta  
mas nunca chega  
ao chão.

Estica-se este instante  
de música e de asas.

## CLARICE

O que é mistério aqui se mostra,  
rasga nos olhos, paira no ar,  
qual fumaça... passa  
pelo através do talvez,  
se rende à tez,  
ultrapassa  
todas as vias do ver  
e se inscreve  
quase em cruz  
no escuro  
da maçã  
da paixão  
mais devassa.

Clandestina é a luz  
que se guarda  
à hora em que a estrela trema.

Na selva do coração,  
ovo e ave:

ser é saber-se selvagem.

## MINOTAURO CEGO GUIADO POR UMA MENINA

E Picasso pensou uma praia escura,  
apesar de as estrelas salpicarem  
o toldo quase todo e de vararem  
por ela uma menina e uma criatura,

que agora cega a segue, segurando  
o seu ombro, sem sobra nem resquício  
da furiosa força em exercício  
mortal no labirinto, tempo quando,

aos seus olhos de touro, claras eram  
as ruas, nas quais passos firmes deram  
seus pés de homem ereto entre paredes.

Seu mundo em miniatura – ruas em redes –,  
seu cárcere perpétuo, sem restauro,  
carrega na cabeça o Minotauro.



## MEIO-IRMÃO

Meio-irmão,  
metade da terra  
à planta,  
volta tanta  
dada ao tronco  
que canta  
em seu corpo  
o nó  
do homem  
que nos fez.

Passos da história,  
que a tarde evapora,  
do chão da carne  
sua.

Inteiros dormem  
os olhos,  
em meio à manhã  
que nos acorda,  
madura de chuva  
e sal,  
molhada de um mim  
de um pai  
tão além da luz  
da minha  
(não nossa)  
mãe.

Meu irmão,  
solidão.  
Tristeza a subir  
de um cigarro,  
nuvem que às cegas  
envolve  
a noite que sobe  
quando as pedras  
caem.

E um menino  
falava o azul  
de lábios  
que entravam no tempo  
ao sol de um momento  
em nós passado  
a limpo.

## NÃO ENSAIE PALAVRAS

*a meu irmão Danilo*

Não ensaie palavras  
para me falar.  
O que sai na água  
molha o que era seco.  
Deixe o palco escuro –  
não estou de plateia.  
Tudo o que era ideia  
ponha agora de lado.  
É essa a cena  
do que fomos e somos:  
dá-se assim depois da dor –  
sabor do abandono.  
Entrelaçados anos  
desafinaram o tom.  
Não ensaie a voz,  
pois falaremos baixo.  
Já não nos valem os gritos  
que jamais afiamos.  
Deixe meu olho beirar  
seu rosto tão bonito.  
Saber silenciar  
é se saber humano.

## TRADUZINDO SAUDADES

Dizem que saudade não se traduz,  
como se o oco  
tivesse um idioma dono  
e não reverberasse em ecos  
pelos cantos e becos  
de quem se sabe sombra.  
Quem é mundo se sabe.  
E se esburaca na rota  
que nunca é reta.  
Todo tronco é dentro um caule.  
No fundo, os nus da memória  
só desabrocham doendo.  
Todo homem sabe a falta,  
a que o retira do instante,  
a que lhe rompe a razão,  
a que o leva a outro antes,  
a que o esvazia enchendo-o  
daquilo que se esvaiu:  
que já não lhe beira a boca,  
que já não lhe roça a pele,  
que já não, que já não.

Dizem que saudade não se traduz.

Eu digo diferente.  
Trago palavras tortas  
que o silêncio traduziu  
ao encobrir alguns rostos:  
*longing* no olhar de William;  
*mal du pays* nos olhos secos de Claire;  
*nostalgia* na tez de Giulia;  
e *anhelo* na luz  
que aos poucos  
foi apagando Marga.

Dizem que saudade não se traduz.  
Eu digo diferente.

## SEM SAUDADE DO MUNDO

*a meu irmão Zé*

Meu irmão mais velho morreu cedo,  
antes de anoitecer,  
antes de saber das mangas o sabor  
(e as mangueiras ao redor da casa,  
desvendando o doce sob a casca verde).  
Morreu cedo,  
antes de inaugurar  
nas grutas da carne  
o medo  
de escuro,  
de contar nos dedos,  
de contar nos ontens.  
Vinte e três dias de idade.  
(O ar plantado em seu peito não vingou.)  
Antes de palavras na boca,  
de bicicleta (pedais),  
do cheiro solto de pêssgo  
(qual voz do vento)  
envolver um instante de tristeza sua  
(e quase distraí-lo).  
Morreu cedo,  
antes de ver roupas quarando no capim,  
de se ver refletido numa colher,  
num espelho,  
de se ver nu.  
Antes de andar,  
de correr pela roça  
que seu pai tinha em Portão,

antes de nascer seu irmão.  
Antes de ler livros  
(de poder entendê-los),  
de ler versos  
(de chegar a escrevê-los),  
de beijar a boca de um desconhecido  
(e depois conhecê-lo).  
Antes do sereno,  
da areia molhada,  
do mar,  
antes de amar  
de volta  
sua mãe e seu pai  
(depois, meus).  
Antes de prego no pé,  
de espinho na mão,  
de fios de barba e bigode,  
cabelos brancos e rugas,  
antes do sol e da chuva  
numa terra estrangeira,  
de ver cair uma pétala lilás  
na mesa da sala em setembro.  
Meu irmão mais velho morreu cedo.

## NA COVA-AQUÁRIO

Os olhos seus que a terra não comeu  
a água guarda em ventre transparente.  
E o que aguarda um ser que já não sente?  
Foi mesmo gente um quem que não nasceu?

Na cova-aquário o corpo nu submerso  
parece entregue à trama atrás do sono.  
Mas não há sonhos num corpo sem dono –  
esse rebento não foi todo aberto.

Fechado em si, sem fonte, ele flutua.  
A vida seca, no molhado, é sua.  
E mergulhado, em paz de água parada,

tão sem cabelo, tez jamais corada,  
sorriso e choro, nada em si foi sim –  
na noite interna, o que era início é fim.



## ASTÍANAX

*Ó gregos, inventores de cruéis maldades,  
por que matais o meu filho inocente?*

Eurípides,  
*As troianas*

Brilho de bronze: susto  
aos olhos de hora outra.  
Vingança, desejo seco:  
semente que não vingou.

Haste do ciclo esticado,  
mastro da morte sã.  
Arco dobrado ao tempo:  
ponta a romper o alvo.

Sangue num leito escrito  
de escuridão em branco.  
Amor de mãe maduro:  
raiz da carne arrancada.

E a criança que não cresce  
fica (ecoando em palavra)  
cristalizada em canto.

## ANTÍNOO

*Antínoo estava deitado no fundo,  
já mergulhado no lodo do rio.*

Marguerite Yourcenar,  
*Memórias de Adriano*

Lama do Nilo enterra Antínoo.  
Reverberam os traços mortos  
(ainda verdes) no mármore  
nu – pedra ao sol das horas.

De mão em mão, nas moedas,  
a efígie finge que o homem  
é deus. Cidades feitas, depois  
desfeitas – ir de ruínas

em minas que ecoam o espelho  
e repercutem a carne, os cachos  
do cabelo (fios vazios do vento).  
Ser-sacrifício eterno fez-se.

Antínoo, tê-lo tido, tendo-o  
hino de amor, dor em silêncio:  
tênue extinguir-se do sangue  
no tempo que a luz inaugura.

## E JÁ NÃO VER O QUE SE OLHA

*a meu pai*

Morrer de olhos abertos,  
e já não ver o que se olha:  
cruz, cisterna, folha.  
E os retalhos da luz desfiada:  
calma, canção e cabelos,  
ainda molhados  
de suor e água.  
O sal na pele,  
por cima do que sobrou de sono  
(e o que era sonho).  
O latido do cão, o motor do carro,  
o falar do filho.  
Tudo a correr lá fora,  
entre sombras e memórias  
apagadas por dentro.  
Sob o silêncio  
do que chamamos céu.

## POR TRÁS DOS OLHOS DO MORTO

Por trás dos olhos do morto  
já não venta nas roupas  
que secavam no arame  
que a memória amarrava.

Nos postes fincados, nus,  
anéis de nada. Parada,  
a ponte, e a travessia  
inteira se apaga  
sem letras nem tramas.

Por trás dos olhos do morto,  
o que era corpo ainda é  
corpo. Se alma houve, despiu-se,  
sem passados – passar.

A água, que pingava  
tanto, nas páginas dos pés no solo  
(agora árido), nem suor nem soa.

## NO RUBRO COM QUE ME CUBRO

Condenado à vida,  
morro,  
na água do espelho,  
escorro.  
Tantos meninos mortos,  
a boiar sem rosto,  
afogados sob a sombra-esboço  
(de um moço).

Habita-me hoje um outro,  
que me entrou estranho  
e me trouxe,  
aos poucos,  
como, pela mão, um pai.  
Sua luz me refaz  
(enquanto escureço),  
no rubro com que me cubro.

Condenado à morte,  
vivo.  
(É longa a linha do sangue, desenrolada até mim.)

## O OLHAR DO ESPELHO

O espelho o olhava.  
E era um elo:  
do rastro ao rosto.  
Asa do cintilante  
cavada  
no sem fundo  
da cisterna seca.  
Pegada cifrando o pé,  
decifrando os fios  
da face.  
Aceso só o susto  
na cara,  
qual palma  
de luz soprada à proa.  
A carne apagada.  
A pele.  
Frestas e reflexos.  
Era um elo.  
Como desfazê-lo?  
Era um elo.  
E ele,  
sem querer se ver,  
se lia.

## SOLARIS

*a John*

Almejar espelhos  
em planetas opacos:  
confins do humano.  
E o mergulho da água alheia  
em almas ilhadas  
(margens):  
emergem lembranças molhadas,  
qual ave que quebra a casca,  
entra e se planta no tempo.

Que ciência o inconsciente aclara?

Ilhas de memórias nuas,  
núcleos materializados,  
esculpidos no cosmos,  
em carne –  
flor da raiz de outro sangue  
que jorra rubro do barro  
que nenhum Deus desenhou.

Arquitetura de silêncios:  
reminiscências densas  
(deserto em solidão).  
Parecer ser: estar  
(semblante de um antes).

Reconstruir os rios  
do fluxo da luz extinta,

iluminando trevas,  
como em tela a tinta:

ondas indo, vindo –  
dádivas que se dão.



## NEMÉSIO

*a Ieda*

Atravessar o chão-trapézio  
é se entregar ao não que pede.  
Nem mesmo os dias dão, Nemésio –  
nêmesis mansa: tudo perde.

A mão que pede a pedra é tão  
irmã da mão bem desenhada,  
que dá adeus ao ir do irmão,  
como quem solta a asa ao nada.

E o nada é tudo que nos cabe,  
enquanto, entre-sóis, entramos:  
abre-se aos olhos que se abrem  
e some às noites que cegamos.

Cabelos, veias, pensamentos,  
cadeias, velas, chão, trapézio.  
Canto o teu nome à voz dos ventos:  
finco o teu eco em mim, Nemésio.

## TODOS OS LUGARES EM QUE MORRI

*a Sonia Alves*

Todos os lugares  
em que morri  
ainda moram em mim,  
como se eu casa fosse.

Moço, menino, velho  
desfaço –  
em mim me acho:  
nos ossos-fósseis.

Da voz, da luz, do nu  
(destroços):  
soam reflexos  
enquanto passo.

As máscaras  
que habitam a cara  
se entranham e traçam,  
trançando o curso  
em tempo e espaço.

## A LUZ DA VELHICE

Descer devagar os degraus  
que desenharam a subida.  
Os pés desfazendo os passos,  
apagando os traços  
da poeira  
que ficou nas pedras.

É d'água a luz da velhice,  
penumbra que afoga a flor:  
põe-se o sol por dentro  
e faz-se áspero o feltro.

Nos fragmentos que a distância doura  
(com o que restou do rubro),  
uns sopros do que se foi:  
sorriso, saber e busca.

Saudade é se doer lembrando.

Abraçam o corpo o cansaço,  
a solidão,  
o sono.

E o centro a esquecer o círculo,  
o que era aresta,  
o que era em volta.  
Esfarrapa-se o tecido –  
estopa do tempo.

Enterram-se os ponteiros,  
as horas,  
num cheiro de flor  
do mato,  
onde caíram as pétalas.

Dunas de areia se espalham:  
esfarela-se a memória –  
história.

## EU, QUE HOJE SOU SENHOR

Eu, que hoje sou senhor,  
fui sonho de um dia ser  
história (sem rigor ou glória):  
ser.

Assim pensou minha mãe  
com a mão sobre a barriga.

História é estar, qual estamos.  
E a noite na cozinha  
(e só)  
é elo desde o parir de meu pai –  
luz dada à treva materna.

No menino que ele foi  
(abandono e solidão)  
já o doar  
ao que daria em mim.

E ela disse sim,  
me tornando possível.

Eu, que hoje sou senhor,  
fiz das horas minha história.  
E todo olhar de luz que lanço  
tem como o ventre o longe:

gente que o sol desfez:  
noite que me atravessa.

## RAÍZES ÓSSEAS

Os dentes nos lembram,  
quando mordem,  
ou mesmo quando sorrimos,  
que somos ossos  
e já estamos mortos  
debaixo da carne,  
barro que nos cobre  
de buscas e abraços.

Por mais que o sangue flua  
é nua toda ilusão:  
o silêncio cai no dito,  
lágrimas secam nos cílios,  
todo canto enfim descansa –

nossas raízes são ósseas.

Na boca, o sorriso é cerca,  
sem arame, só farpas,  
que nos apartam e aproximam  
do porvir  
(que vem).  
Na maçã mordida, a morte  
da carne de quem a mordeu.

Fomos plantados  
em nós.  
Aqui jaz o que já fomos.  
Carregamos o oco  
enquanto dançamos  
ao sol  
e vamos  
inventando passos  
pelas sendas do sempre.

## OS OSSOS

Por dentro, a dureza dos ossos,  
pedra talhada –  
mármore imóvel (morte),

à mostra no rastro da ausência,  
quando a carne se cansa  
da firmeza do abraço.

O dentro sem dentro que o erga,  
sem a força do fora,  
se deita sem dono.

É claro, sem o rubro da tinta,  
quando o fluxo seca  
no esquecer do tempo.

Sem sabor, silêncio.



## O CRÂNIO DE YORICK

*Ah, pobre Yorick!*  
*Eu o conheci, Horácio.*

William Shakespeare,  
*Hamlet*

Ao segurar com a mão um crânio agora,  
cesta de ossos que carrega o mundo  
que cada homem traz no seu profundo,  
e deparar com nada dentro ou fora,

o príncipe, através véu de tristeza,  
se vê menino sendo carregado  
por quem no tempo já foi terminado  
e tem saudades de sua natureza.

Lembrando as brincadeiras que fazia,  
seus beijos e canções, sua alegria,  
sente o aperto de um nó na garganta.

E o seu espanto sempre nos espanta.  
Ao segurar com a mão um crânio agora,  
e deparar com nada dentro ou fora.

## QUE COISA PENSA A CABEÇA QUE CAI?

Que coisa pensa a cabeça que cai,  
antes que se acabe o mundo que cabe  
em cada cabeça que cabe no mundo?

Que lume a lâmina decepa e desfaz?  
Que “em mim” (no fundo) se apaga por fim,  
quando um corte estanca o instante-sim,  
que pulsou no tempo, desde o início-ventre  
de cada indivíduo que o que é vida fez?

Que voz (que em vão!) soa no silêncio  
de quem passa ao estado de coisa, de quê,  
de quem passa a quê – estado de coisa?

Que coisa pensa a cabeça que cai?

## DOCE E AMARGO SARAMAGO

*mas não subiu para as estrelas,  
se à terra pertencia*

José Saramago,  
*Memorial do convento*

Doce e amargo Saramago,  
senhor de si, tantos cantos,  
chega o seu fim, vasto, vago –  
mais um José, como tantos.

Todos, Josés levantados  
do chão (do seu fundo ao fora).  
Nascendo, estamos fadados  
ao não da última hora.

Mas pode ser longo e largo  
o tempo, estrada do ser:  
na alma e na carne, o encargo  
de muitos eus a morrer.

É para que o homem seja  
que some nele o menino.  
E é para que o velho veja  
que o homem dá-se ao destino.

Sem ensaios, segue e acende  
luz no túnel-existência.  
Deixa que assim se desvende  
a vida, o vazio, a essência.

Até que acabe calado,  
como se nada já fosse –  
além de saber-se amado,  
alheio ao amargo e ao doce.

Doce e amargo Saramago,  
senhor de si, tantos cantos,  
chega o seu fim, vasto, vago –  
mais um José, como tantos.

Todos, Josés já deitados  
no chão (do fora ao seu fundo) –  
fogos que jazem apagados  
em cinzas que esquece o mundo.

## RUA NATANAEL PALMA

*a meu avô*

Hoje sou nome de rua,  
como se nela me fosse.  
Corpo de asfalto que sua.  
Que tempo aqui me trouxe?

Em letras, escondida,  
luz de um chamar de longe,  
voz vaga, escurecida –  
ouvir que em mim se esconde.

Na rua que leva meu nome,  
busco-me no abstrato.  
Dissolve-se quem some.  
Não me matei, não me matam.

Sei que deixei de me ser  
(pés já descalços de passos).  
Empresto-me ao percorrer  
de pés que por meu chão passam.

Hoje sou nome de rua  
a um novo tempo que flui.  
As horas que seguem suas  
vestem esse nome que fui.

Tive filhos (me perderam),  
netos se dispersaram.  
Talvez saibam que me beiram  
quando no escuro se encaram.

A chuva às vezes me lava  
(e eu, nesse espelho sem mim).  
Um nome apenas se salva –  
o homem teve fim.

Hoje sou nome de rua,  
qual um dono, quase um rei.  
Resta ao esquecer que o destrua:  
um dia nada serei.

## VIVER VIVIDO

*a Virgílio e Mara, meus primos*

Tecido:  
o que o junto gesta –  
passar que se empresta  
a rio reunido.

Torcido,  
qual tranças na testa,  
e ao corte se presta  
o sim do ser: sido.

Ter sido  
(na razão de quem resta)  
ritmo da festa:  
viver vivido.

## QUANDO FUI ÁGUA

Quando fui água,  
tive lágrimas claras  
e secreções e cuspe.  
E tive sangue nas veias  
(enviezar-se era ser).

Ser seco era falso.  
Com tanto suor nos poros!  
Eu era o estado de mim.

E urinar no capim,  
fazer xixi na cama:  
o colchão quente,  
o jorro morno  
e o frio...  
mas só depois do sonho dissolvido.

Gozar também era ser –  
era ser água:  
água a se debater por dentro,  
que só depois se quebrava em trevas,  
já dentro do outro,  
ou no nu do membro,  
da mão,  
da coxa aquecida por uma ideia.

Beber água era ser... água.  
Molhar as plantas.



Nadar também.  
E tomar chuva:  
molhar-se era ser água.  
E tomar leite.  
E cobrir-se de neve.  
E se entregar ao frio.

Pisar na lama.  
Escorregar no barro.  
Cair era ser água.  
E levantar-se.  
E dormir no sereno.  
E acordar no escuro.  
E fazer barco de papel:  
vasto a desabrochar na correnteza.

E pintar quadros:  
deixar-se em líquidos.  
E comer folhas,  
raízes,  
gomos de tangerina.

Morder a carne rosa de uma manga!  
Lamber o caldo entre os dedos.

E tomar sol:  
evaporar-se era ser água.

Quando fui água,  
fluir era andar e crescer:  
envelhecer era ser água.

E tive lágrimas claras,  
e tive risos.

E o beijo era água:  
de outra fonte  
(que os lábios iam buscar).

E o corte era água,  
que se abria em vermelho.

A cicatriz, não.

Cicatrizar-se era secar-se  
(silêncios que morrem em cisternas,  
esquecendo o fluxo).

Quando fui água,  
eu não sabia das pedras  
(dos ossos):  
leito seco:  
sombra do rio.

## JÁ TENHO MENOS TEMPO QUE JÁ TIVE

De onde venho, envergado o arco  
à força que ainda flui e faz o alvo –  
que o voo inventa, em voz, vazio e lápis  
(sou pedra que se perde pelo espaço).  
Viver desenha riso e dor em sangue,  
tatuia a luz mais nua e a deixa à sombra  
da árvore que vai ganhando galhos,  
enquanto faz e se desfaz em folhas.  
No tronco um nome sobe, seca e some –  
por mais ereto que se erga é ar:  
sonho, saudade, sede, fome – homem.  
E a rua é rio, é leite, é leite, é mar.  
Entre o azar do sal e o azul do alvo,  
entro no espelho, me assemelho e sou.  
Já tenho menos tempo que já tive.  
Do nada venho, para o nada vou.

## COMO ÁGUA CAINDO

Como água caindo  
no chão que é charco:  
líquido em leito-instante,  
dentro depois do antes.

E tudo um eternamente sendo,  
sendo e se deixando em cascas.

Pois tudo o que é é agora.

O ontem apodrece com as paredes,  
ainda que fiquem uns fósseis.

Somente os olhos à luz!

Rua, palanque e palco,  
pétala, miolo e folha,  
mel no molhado.

As calças no chão,  
o suor na camisa,  
o sêmen secando às horas.

As teclas do piano,  
o elefante fugindo do tiro,  
a queda da caminhonete...

Tudo caindo, como água.  
Tudo caindo.  
Tudo o que cai é água:  
os pingos na pia,  
o tique-taque dos ponteiros,  
o leite fervendo num sopro.

E eu me atrasando no metrô.  
Pensando numa desculpa,  
numa mentira sem espinhos.

Os retalhos costurados,  
o bordado que dona Luiza me deu  
(antes de se esquecer de mim,  
de se esquecer de si)  
e a manhã na rua.

Tudo cai:  
da orfandade de meu pai  
à de seus filhos.

Os livros da estante,  
o moço da ponte  
e ela da janela  
(sem gritos,  
só um soco no chão).

O furo na orelha,  
o esmalte incolor,  
a caneta estourada no bolso,  
o cuspe em minha cabeça,  
quando eu caminhava pela Cinelândia.

Os peitos de Laura de Vison,  
seus olhos, sua peruca iluminada,  
e a madrugada em minha carne e íris.

Hugo pegou o violoncelo  
e tocou pra mim  
num quarto de pensão:  
só por me ver chegar tão triste.

Tocou sorrindo.  
Parou de preparar o almoço  
e tocou pra mim:

eu, de gravata, de cansaço e encanto.

Toda a alegria, todo o caos:  
os meninos a correr no recreio,  
o avião num oceano sem nome.  
E as flores que caíam  
(e caem)  
pela Visconde de Caravelas.

Trinta anos depois,  
Ronildo me mandou um retrato  
(do tronco, dos rosas, do chão).

Entre azul e verde,  
firmam-se as pedras da estrada.

Davi subiu no coqueiro  
(querendo cair).  
Seu despencar lá do alto:  
o susto, a selva, o grito  
de quem lhe disse não.

Já acordei muito silêncio em mim.  
E no mato, a crescer, a moita  
(no chão que era charco).

Um dia, nunca mais seremos.  
Mas agora somos,  
como água caindo.

Colofão

|           |                                                             |
|-----------|-------------------------------------------------------------|
| Formato   | 12x21 cm                                                    |
| Tipologia | Adobe Garamond Pro<br>Andika New Basic<br>Bookman Old Style |
| Papel     | Papel Alcalino 75g/m2 (Miolo)<br>Supremo 250g/m2 (Capa)     |